

A BRUXA ESPECTRAL: MONSTRUOSIDADE, GÓTICO E VIOLÊNCIA ESTRUTURAL NO ROMANCE *TEMPORADA DE FURACÕES*, DE FERNANDA MELCHOR

Nadege Ferreira Rodrigues Jardim
(Diedra Roiz)

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

(diedraroiz@gmail.com)

Resumo

Este artigo analisa a construção da personagem “a Bruxa” em *Temporada de Furacões*, de Fernanda Melchor (2023), a partir das relações entre gótico, horror, colonialidade e dissidência de gênero. Objetiva-se compreender como o romance mobiliza elementos do horror e do imaginário gótico para representar as violências estruturais que atravessam a obra, na qual o medo opera como dispositivo de organização simbólica da comunidade, analisando como essas tensões são produzidas e reorganizadas pela própria linguagem narrativa, que estrutura a percepção do horror e sua inteligibilidade estética e política. Parte-se da hipótese de que a monstruosidade atribuída à personagem é produzida não por elementos sobrenaturais, mas pelas estruturas sociais que produzem exclusão, violência e marginalização. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e interpretativa, desenvolvida pela análise literária do romance em diálogo com a bibliografia especializada, articulando estudos do gótico e da monstruosidade às discussões sobre colonialidade, gênero e violência estrutural. Construída discursivamente por rumores, memórias fragmentárias e projeções coletivas, “a Bruxa” emerge como figura espectral que condensa medos relacionados à misoginia, à marginalização socioeconômica e à inadequação às normas de gênero. Argumenta-se que o romance configura uma forma de horror que expõe tensões históricas da colonialidade e da violência estrutural.

Palavras-chave: Bruxa espectral; Gótico contemporâneo; Violência estrutural; Dissidência de gênero; Literatura latino-americana.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Nadege Ferreira Rodrigues Jardim (Diedra Roiz)

Nadege Ferreira Rodrigues Jardim, nome artístico Diedra Roiz, é escritora e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLIT) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com bolsa CAPES. Mestra em Literatura pela UFSC (2022), com bolsa CNPQ. Participa dos Grupos de Pesquisa "Queerrâncias - Deslocamentos feministas lésbicos e queer nas artes" e "Literatual - Estudos Feministas e Pós-coloniais de Narrativas da Contemporaneidade" e "Doença, abjeção e monstruosidade: um estudo sobre o imaginário do monstro e sua relação com as ideias culturais de enfermidade em narrativas de horror", todos vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina.



lattes.cnpq.br/8430334610476126



orcid.org/0000-0002-9180-3620

DOSSIÊ "GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO"

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil
publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

A BRUXA ESPECTRAL: MONSTRUOSIDADE, GÓTICO E VIOLÊNCIA ESTRUTURAL NO ROMANCE *TEMPORADA DE FURACÕES*, DE FERNANDA MELCHOR

Nadege Ferreira Rodrigues Jardim
(Diedra Roiz)

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
(diedraroz@gmail.com)

Considerações iniciais

Reconhecida pela escrita marcada por densidade estilística, fluxo narrativo contínuo e exploração de formas de violência estrutural, características recorrentes em obras como *Temporada de huracanes* (2017), *Aquí no es Miami* (2018) e *Páradais* (2021), Fernanda Melchor integra uma geração de escritoras latino-americanas que se apropriam do insólito, em especial da literatura do medo, como estratégia de representação de horrores sociais, culturais e políticos contemporâneos. Sua produção literária articula o cotidiano de regiões marginalizadas do México a uma estética do excesso, na qual linguagem, corpo e território são atravessados por regimes históricos de vulnerabilização social, deslocando elementos do gótico tradicional para formas narrativas em que o horror se vincula à materialidade da vida precária, da desigualdade e das formas de violência e exclusão normalizadas.

Publicado em 2017, o romance *Temporada de huracanes*, traduzido para o português como *Temporada de Furacões*, é ambientado em uma pequena comunidade rural do México atravessada por misoginia, pobreza e violência sistêmica. A obra articula construção polifônica e ruptura da linearidade narrativa, produzindo um efeito de imersão em que diferentes vozes constroem a violência cotidiana como elemento recorrente da experiência social. Por meio de uma atmosfera de degradação, medo coletivo e brutalidade rotineira, Melchor (2023) mobiliza elementos do gótico como o *locus horribilis*, a personagem monstruosa e a presença fantasmagórica do passado. A partir dessa configuração, articula horror, exclusão social e espectralidade em diálogo com regimes históricos de violência associados à colonialidade, à marginalização social e a formas de moralização comunitária atravessadas por imaginários religiosos e controle simbólico.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Neste artigo, compreende-se o gótico não apenas como repertório estético, mas como forma narrativa de elaboração das violências históricas e sociopolíticas latino-americanas. Nessa perspectiva, o romance de Melchor (2023) reconfigura convenções clássicas do gótico ao deslocar o horror do sobrenatural para a materialidade da violência estrutural, da precarização e da produção social da alteridade. Desse modo, aproxima-se de formulações críticas do chamado horror social, entendido aqui como uma vertente do horror em que o medo não deriva do sobrenatural, mas de estruturas sociais concretas que produzem violência, desigualdade e exclusão, convertendo a própria organização da vida social em fonte de ameaça e insegurança (Jardim, 2024; Ferreira *et al.*, 2024; Araújo, 2021). No âmbito dos estudos do gótico, a análise dialoga especialmente com Cohen (2000), Creed (1993) e Halberstam (1995), para compreender a monstrosidade como construção cultural vinculada a ansiedades sociais, sexuais e políticas e como forma de produção simbólica de alteridade e exclusão.

O romance se insere em uma configuração do horror que decorre de estruturas de poder e formas de violência que atravessam a vida social. Assim, a narrativa evidencia como o horror contemporâneo pode operar como imaginário sociopolítico, convertendo desigualdade, misoginia e marginalização em atmosferas de medo e violência que atravessam a experiência coletiva. A violência deixa de aparecer como fenômeno isolado e passa a constituir uma lógica social disseminada, podendo ser lida à luz de Rita Segato (2016), na noção de pedagogia da crueldade, de Achille Mbembe (2018), em sua reflexão sobre a gestão da morte e a produção de vidas descartáveis, e de Daniel Inclán (2024), que analisa a violência contemporânea latino-americana como cultura da crueldade em contextos de crise civilizatória.

O artigo investiga como essas dinâmicas são reinscritas no imaginário gótico latino-americano contemporâneo, analisando de que modo a lógica estrutural da violência se converte em linguagem de spectralidade e horror, não como exceção narrativa, mas como dimensão constitutiva das relações sociais e das percepções coletivas no romance.

A figura da bruxa no imaginário do horror ocidental

Para compreender a construção da personagem “a Bruxa” em *Temporada de Furacões* (Melchor, 2023), é necessário considerar que a figura da bruxa constitui um dos imaginários mais persistentes da cultura ocidental, podendo ser entendida como uma das formas pelas quais as sociedades transformaram determinadas mulheres em figuras monstruosas e ameaçadoras. Associada à perseguição de mulheres, ao disciplinamento dos corpos femininos, à destruição de saberes populares e comunitários e à consolidação de

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

mecanismos modernos de controle patriarcal vinculados aos processos de acumulação primitiva (Federici, 2017), a figura da bruxa também se articula à produção cultural da monstruosidade feminina e à associação entre feminino, ameaça e transgressão (Creed, 1993), configurando-se, ainda, como construção simbólica por meio da qual ansiedades sociais e mecanismos de exclusão são projetados sobre corpos considerados desviantes ou ameaçadores (Cohen, 2000). Tal processo relaciona-se diretamente às formas de produção da alteridade, da violência e do medo que estruturam o imaginário gótico.

A própria constituição de “a Bruxa” é atravessada por discursos de rejeição e violência que a associam ao demoníaco desde a infância: “a mãe só fazia psiou para a chamar ou lhe chamava estúpida, cabra, filha do diabo, devia ter-te matado quando nasceste, devia ter-te atirado ao fundo do rio, maldita miúda, maldita sacana” (Melchor, 2023, p. 36). A monstruosidade da personagem emerge como efeito reiterado de discursos sociais e familiares que produzem sua existência como corpo indesejável, amaldiçoado e potencialmente eliminável. Esse processo de produção discursiva da alteridade se articula ao imaginário mais amplo da bruxa na cultura ocidental.

A personagem de Melchor incorpora uma matriz simbólica que reitera o papel da bruxa como incorporação de ansiedades culturais sobre corpo, sexualidade e poder. Essa dimensão simbólica também mobiliza uma lógica de persistência e retorno que atravessa o imaginário narrativo, deslocando sua figura para um regime de spectralidade:

Dizem que na realidade nunca morreu, porque as bruxas nunca morrem tão facilmente. Dizem que, no último momento, antes de aqueles rapazes a apunhalarem, ela conseguiu lançar um feitiço para se transformar noutra coisa: num lagarto ou num coelho que correu a refugiar-se no mais profundo do monte. Ou no milhafre gigante que apareceu no céu dias depois do assassinio: um animal enorme que voava em círculos sobre as plantações e que depois poisava sobre os ramos das árvores, a olhar com olhos coloridos para as pessoas que passavam por baixo. (Melchor, 2023, p. 227)

A construção da personagem também se articula a imaginários folclóricos e espectrais compartilhados pela comunidade:

[...] apesar de não lhe chamarem Bruxa Pequena, mas sim Bruxa, simplesmente (...) confundiam-na ao mesmo tempo com a Velha e com as histórias espantosas que as mulheres da terra lhes contavam quando eram pequenos: as histórias da Llorona (...) ou a história da Menina de Branco (...) a Bruxa era para eles um espectro semelhante, mas bastante mais interessante por ser verdadeiro, uma pessoa de carne e osso que andava pelos corredores do mercado de Villa. (Melchor, 2023, pp. 30-31)

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Como se observa no excerto acima, a personagem é inscrita em uma tradição narrativa de figuras femininas monstruosas do imaginário popular latino-americano, especialmente de narrativas orais sobre mulheres espectrais, como a Llorona e a Menina de Branco, associadas ao medo, ao sobrenatural e à transgressão dos limites entre o humano e o fantasmagórico. A aproximação estabelecida pela comunidade entre “a Bruxa” e essas figuras evidencia como a personagem é transformada em uma presença simultaneamente real e lendária, deixando de ser percebida apenas como indivíduo e passando a ser interpretada a partir de imaginários coletivos. Essa associação reforça a construção de “a Bruxa” como presença simultaneamente humana e fantasmagórica, situada entre o mito, o medo coletivo e a experiência social concreta.

No entanto, essa construção cultural da monstruosidade não se limita ao plano discursivo ou imaginário; inscreve-se também de forma material:

Dizem que nem Rigorito nem os seus homens suportaram o espetáculo que descobriram ali dentro: a múmia negra da Bruxa Velha no meio da pesada cama de carvalho, o cadáver que começou a descamar-se e a desfazer-se ali mesmo em frente dos seus olhos e que ficou convertido num monte de ossos e de cabelos. (Melchor, 2023, p. 228)

Na cena, a decomposição se impõe como imagem de forte impacto sensorial, estruturando o horror narrativo a partir da exposição direta da ruína do corpo, que se articula ao espaço doméstico e ao imaginário gótico, convertendo a deterioração física em mecanismo de produção do medo.

O monstro não constitui apenas uma entidade fantástica, mas uma construção cultural que expressa medos coletivos (Cohen, 2000). Historicamente, o estigma da bruxa foi mobilizado para marcar e excluir corpos considerados desviantes ou perigosos, bem como saberes marginalizados (Federici, 2017; Purkiss, 1996).

Essas representações também se vinculam a formas culturais mais amplas de produção da monstruosidade e do medo no imaginário gótico (Punter, 1996), articulação que se torna particularmente visível na configuração da personagem. A construção da figura da bruxa como ameaça pode ser compreendida em continuidade com dinâmicas contemporâneas de violência, nas quais a permanência de mecanismos de produção de inimigos sociais se articula tanto às reflexões de Daniel Inclán (2024) sobre a cultura da crueldade e a naturalização da violência, quanto às formulações de Achille Mbembe (2018) sobre a necropolítica, especialmente no que se refere à produção de vidas socialmente desprotegidas e vulneráveis à morte. A partir da noção de necropolítica, é possível compreender como a produção de vidas socialmente desprotegidas envolve a definição de quais sujeitos são

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

reconhecidos como dignos de proteção e quais podem ser expostos à violência e ao abandono. No caso da figura da bruxa, esse processo se manifesta na transformação da personagem em uma ameaça socialmente construída, cuja exclusão e posterior eliminação são legitimadas pela associação entre diferença, perigo e monstrosidade.

No terror ocidental, a monstrosidade feminina mobiliza construções culturais que associam ameaça, poder e sexualidade (Creed, 1993). Figuras monstruosas frequentemente projetam ansiedades sociais relacionadas a dissidências de sexualidade e gênero (Halberstam, 1995). No romance de Melchor (2023), isso surge vinculado a cosmologias religiosas que demonizam a personagem, construída a partir de um repertório simbólico que associa o feminino ao demoníaco, reforçando sua posição de alteridade monstruosa e ameaçadora:

[...] quando a Bruxa fazia um meio sorriso e lhes dizia que a Pequena era filha do diabo, e Deus fosse louvado até era parecida com ele, quando alguém ficava a olhar bem para a rapariga e a comparava com a imagem do mafarrico derrotado por São Miguel Arcanjo que havia na igreja de Villa, sobretudo nos olhos e nas sobrancelhas, e as mulheres benziam-se e às vezes de noite até sonhavam que o diabo as perseguia com a verga tesa para lhes fazer um filho. (Melchor, 2023, pp. 22-23)

Desse modo, “a Bruxa” de Melchor (2023) encarna esse imaginário, de uma forma marcada pela violência social, constituindo-se como figura espectral que condensa tensões morais e históricas da comunidade. Nesse contexto, seu corpo funciona como espaço de ambiguidade e transgressão. A personagem é construída a partir de matrizes que associam o feminino à ameaça e à desordem, operando como ponto de tensão que expõe ansiedades e violências direcionadas a corpos e subjetividades marginalizadas. É a partir dessa perspectiva que se propõe compreendê-la como bruxa espectral, uma figura cuja presença narrativa surge não como sujeito plenamente identificável, mas como manifestação simbólica das tensões sociais, culturais, morais e históricas que atravessam o universo narrativo.

Em contextos marcados por desigualdades estruturais, colonialidade e violência social, essa dinâmica adquire contornos específicos: sujeitos situados às margens das normas de gênero, sexualidade ou pertencimento social podem ser transformados em figuras monstruosas por meio de processos coletivos de estigmatização. É o caso das realidades sociopolíticas e culturais latino-americanas, nas quais a produção de alteridades monstruosas está intrinsecamente relacionada às dinâmicas históricas da colonialidade e às violências específicas que atravessam as sociedades pós-coloniais.

Embora parte significativa das teorias sobre o horror e monstrosidade tenha sido formulada em contextos do Norte Global, a análise proposta neste artigo busca situar a figura da bruxa nas dinâmicas históricas específicas das sociedades latino-americanas, marcadas

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

pela colonialidade, pela racialização e por formas particulares de violência social. Essa perspectiva pode ser reforçada pelo debate sobre violência estrutural e cultura da crueldade em contextos contemporâneos latino-americanos (Segato, 2016; Inclán, 2024), aproximando a análise da compreensão de que o gótico opera como forma epistemológica de leitura das fraturas sociopolíticas, nas quais regimes históricos de violência convergem na produção de corpos considerados ameaçadores ou descartáveis.

Espectralidade e produção discursiva da monstrosidade

Desde a cena inicial, Melchor (2023) estabelece uma estética do horror marcada pela decomposição, pela abjeção e pela produção social do medo, elementos que organizam toda a lógica narrativa da obra, que parte da descoberta do cadáver de uma personagem conhecida apenas como “a Bruxa”, encontrado por crianças em um canal de irrigação:

um fedor que dava vontade de cuspir para que não descesse para as tripas, que tirava a vontade de continuar a avançar. Mas o líder apontou para a beira do carreiro e os cinco, de gatas sobre a erva seca, os cinco, agrupados num só corpo, os cinco, rodeados de varejeiras, reconheceram por fim o que espreitava sobre a espuma amarela da água: o rosto podre de um morto entre os juncos e os sacos de plástico que o vento impelia da estrada, a máscara escura que fervilhava numa miríade de cobras negras, e sorria. (Melchor, 2023, p. 18)

A própria descrição do cadáver intensifica essa construção do horror coletivo: “Uma coisa medonha, disseram as pessoas, porque quando aqueles miúdos a encontraram o corpo já estava todo inchado, os olhos tinham saído e os animais tinham-lhe comido parte da cara e parecia que a pobre louca sorria” (Melchor, 2023, p. 35). O sorriso cadavérico atribuído à personagem converte o corpo morto em uma projeção dos medos da comunidade, articulando decomposição física, espectralidade e uma leitura social que o posiciona como monstruoso. O horror emerge da forma como o cadáver é discursivamente transformado em uma imagem abjeta e ameaçadora.

Um elemento central para a compreensão da construção da espectralidade na narrativa é o evento traumático coletivo associado ao deslizamento de terra que atinge a comunidade, funcionando como uma espécie de cena fundacional da experiência de ruína social no romance, cuja violência não se encerra no acontecimento, mas retorna como presença fantasmagórica, instaurando uma continuidade assombrada de perdas, ruínas e transformações da vida comunitária. Esse acontecimento não apenas reorganiza a vida material do espaço, mas também altera o regime de percepção da própria realidade, instaurando uma temporalidade marcada pelo retorno do que foi perdido e não elaborado simbolicamente. A persistência espectral da violência aproxima-se também de discussões

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

recentes sobre horror contemporâneo latino-americano que compreendem a espectralidade como manifestação de ruínas históricas e traumas sociopolíticos que permanecem assombrando o presente (Araujo, 2022). Nesse sentido, o romance sugere uma lógica de persistência do trauma, em que o passado não se encerra, mas permanece atuando sobre a experiência coletiva.

É nesse contexto que a figura de “a Bruxa” passa a ser reinscrita como presença espectral, associada a uma lógica de reaparecimento que não se reduz à morte. Em determinados momentos, o romance explicita essa condição ao se referir à personagem como “aquele espectro que vestido de negro rondava pelas paragens solitárias da povoação” (Melchor, 2023, p. 29), inscrevendo-a diretamente no imaginário gótico, em que figuras retornam como vestígios de algo que não foi plenamente assimilado ou resolvido pelas personagens.

A cena inaugural introduz não apenas a morte da personagem, mas uma atmosfera de horror que atravessa toda a narrativa, na qual o medo se constitui como linguagem coletiva e como expressão das tensões sociopolíticas que organizam a comunidade ficcional.

Essa construção é atravessada por dispositivos de moralização coletiva, como a circulação de rumores, a associação da personagem à feitiçaria e aos malefícios, a demonização de seus saberes de cura e sua nomeação como “a Bruxa”, frequentemente articulados a imaginários religiosos e comunitários que reforçam mecanismos de exclusão e estigmatização social, como se observa nos relatos que associam a personagem a práticas de cura e saberes não institucionalizados, interpretados pela comunidade como “malefício” ou ameaça espiritual, bem como em leituras moralizantes que antecedem qualquer forma de reconhecimento individual. O próprio apelido “a Bruxa” já concentra essa leitura social prévia de suspeita, perigo e condenação simbólica.

A personagem “a Bruxa” não é apresentada no romance como sujeito plenamente definido, mas como figura construída discursivamente pelas histórias que circulam na comunidade, funcionando como dispositivo narrativo por meio do qual o romance dramatiza os mecanismos sociais de produção da monstruosidade. Forjada a partir de rumores, medos e memórias fragmentárias, “a Bruxa” opera como figura espectral que articula tensões relacionadas à colonialidade, à violência de gênero e à exclusão social. Sua presença narrativa constitui-se menos como individualidade plenamente reconhecível e mais como projeção coletiva de ansiedades, violências e formas de exclusão historicamente sedimentadas. Nesse sentido, a personagem também pode ser compreendida como efeito de uma economia social

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

da violência, que articula gênero, classe, raça e estigmatização moral como formas de produção de alteridade.

A construção narrativa de *Temporada de Furacões* (Melchor, 2023) também se organiza por meio de lacunas, ambiguidades e versões parciais dos acontecimentos. A figura de “a Bruxa” nunca se estabiliza completamente como identidade fixa, sendo continuamente reconfigurada por rumores, memórias e discursos fragmentados e contraditórios, atravessados por medo, misoginia, homofobia, transfobia e violência. Nesse sentido, a narrativa produz zonas de indeterminação que impedem uma apreensão totalizante do sentido, aspecto que se aproxima das reflexões de Campra (1991) sobre as ambiguidades narrativas e a indeterminação constitutiva do texto, que produz efeitos de hesitação interpretativa.

Tal construção discursiva da personagem manifesta-se na forma como a comunidade a nomeia no romance, reduzindo-a ao apelido que lhe é atribuído e que ocupa o lugar de seu nome:

Chamavam-lhe a Bruxa, tal como à sua mãe: a Bruxa Pequena quando a velha começou o negócio das curas e dos malefícios, e a Bruxa simplesmente quando ficou sozinha, lá pelo ano do deslizamento. Se porventura teve outro nome, inscrito num papel gasto pelo passar do tempo e dos vermes, oculto talvez num daqueles armários que a velha atafulhava de sacos, de trapos encardidos, de madeixas de cabelo arrancado, de ossos e de restos de comida, se alguma vez chegou a ter um nome próprio e apelidos como as outras pessoas da terra, isso foi coisa que nunca ninguém soube. (Melchor, 2023, p. 20)

A ausência de nome explicita a despersonalização, já que a personagem não é apresentada como indivíduo, mas como construção coletiva marcada por julgamento e exclusão social. Ao enfatizar a imposição de um estigma em substituição à identidade da personagem, o texto revela como a abjeção opera não apenas sobre o corpo, mas sobre a subjetividade, transformando a personagem em ponto de tensão entre visibilidade e invisibilidade social, corporeidade e espectralidade narrativa. A própria circulação de rumores contraditórios em torno da personagem contribui para a produção de um imaginário coletivo atravessado pelo medo, pela suspeita e pela construção de corpos considerados desviantes ou ameaçadores à ordem social como monstruosos. Dinâmica que pode ser lida à luz do que Rita Segato (2016) denomina pedagogia da crueldade, conceito que permite compreender a naturalização da violência simbólica que antecede formas materiais de exclusão.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

A lógica de produção coletiva do medo aparece na forma como acidentes e tragédias são reinterpretados pela comunidade como efeitos da ação sobrenatural da personagem:

uma coisa espantosa porque ninguém alguma vez soube explicar como foi que aquele acidente pôde acontecer, como foi que as vigas se soltaram dos cabos que as seguravam e atravessaram o para-brisas e os trespassaram totalmente, e não faltou quem se tenha agarrado a isso para dizer que a Bruxa era culpada, que a Bruxa lhes tinha lançado um feitiço, que para não perder a casa nem as terras aquela mulher má se entregara ao diabo em troca de poderes. (Melchor, 2023, p. 18)

O trecho indica como o imaginário comunitário converte acontecimentos traumáticos em confirmação da monstruosidade da personagem, articulando medo, superstição e violência simbólica na construção coletiva da alteridade.

Fronteira, curanderismo e subjetividade liminar

A compreensão da figura da bruxa em contextos latino-americanos demanda considerar dinâmicas históricas da colonialidade, que reconfiguraram as estruturas sociais por meio de hierarquias de raça e gênero e deslegitimaram sistemas de conhecimento produzidos por povos indígenas e populações afrodescendentes (Lugones, 2019). O processo histórico de afirmação das soberanias europeias instaurou uma concepção de humanidade estruturada por uma matriz binária hierarquizante de poder, articulada por raça, gênero e sexualidade, que produziu determinados sujeitos como “menos humanos” ou até mesmo “não-humanos”, descartáveis e supérfluos, legitimando a escravização, o genocídio e a eliminação sistemática de povos originários e populações negras, bem como a permanência contemporânea de regimes de violência dirigidos a corpos racializados, femininos e dissidentes (Lugones, 2019; Mbembe, 2018; Segato, 2021).

Nesse processo, práticas comunitárias, saberes e formas de espiritualidade locais passaram a ser classificadas como superstição ou feitiçaria, sendo progressivamente marginalizadas ou criminalizadas. Assim, figuras associadas a essas práticas, como curandeiras ou bruxas, podem ser compreendidas como corpos situados na interseção entre misoginia, racialização e colonialidade (Lugones, 2003).

Esses processos de deslegitimação não operam apenas no nível epistemológico, mas articulam-se também a formas materiais de reorganização da vida social e econômica. Em contextos latino-americanos marcados pela periferação econômica, a produção de saberes marginalizados ocorre paralelamente à precarização dos territórios e dos corpos que os produzem, indicando que colonialidade do saber e exploração material não são dimensões

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

separadas, mas mutuamente constitutivas. Essa articulação entre colonialidade, precarização e marginalização também organiza formas específicas de produção do medo e da alteridade, recorrentes no imaginário gótico latino-americano.

Gloria Anzaldúa (1987) amplia essa perspectiva ao discutir as subjetividades que emergem nas borderlands, espaços marcados pelo conflito entre diferentes sistemas culturais e epistemológicos. Nesses contextos, figuras como a bruxa ou a curandera encarnam formas de conhecimento situadas nas margens das epistemologias dominantes. Como observa Anzaldúa (1987), essa figura ocupa frequentemente uma posição ambígua, respeitada e ao mesmo tempo temida, representando formas de saberes situados às margens das estruturas coloniais. Nesse contexto, a figura da bruxa emerge como encarnação de ansiedades sociais relacionadas ao corpo, ao saber e à diferença, convertendo-se em figura privilegiada da imaginação gótica.

Essa lógica de marginalização também se expressa na organização material dos espaços fronteiriços, nos quais a circulação de pessoas, o trabalho precarizado e as economias informais se articulam na produção de territórios marcados pela instabilidade econômica e pela exposição contínua à violência. Em *Temporada de Furacões* (Melchor, 2023), essa espacialidade associa-se à percepção coletiva de um espaço marcado pela circulação cotidiana da morte e pela naturalização da violência, evidenciado pelo trecho:

[...] decapitados, esquartejados, enrolados, ensacados que aparecem nos recantos dos caminhos ou em fossas cavadas à pressa nos terrenos que rodeiam as comunidades. Mortos por tiroteios, choques de automóvel e vinganças entre clãs rivais; violações, suicídios, crimes passionais como dizem os jornalistas. (Melchor, 2023, p. 229)

Como observa Anzaldúa (1987), a fronteira não constitui apenas um espaço simbólico ou cultural, mas um regime vivido de organização, no qual corpo, trabalho e sobrevivência se tornam indissociáveis. Essas espacialidades periféricas e violentas contribuem para a construção de atmosferas de medo, degradação e ameaça que atravessam o horror social no romance.

Na comunidade em que vive, “a Bruxa” ocupa uma posição marginal, sendo associada a práticas misteriosas ou perigosas e situada nas fronteiras entre o mundo racional e aquilo que escapa às formas legitimadas de conhecimento. Essa condição liminar faz com que funcione como figura ambivalente, simultaneamente temida e excluída, mas reconhecida como detentora de saberes alternativos, condensando experiências de abjeção, exclusão e resistência. Sua presença articula-se a esse espaço de tensão entre o visível e o invisível, o reconhecido e o socialmente abjeto. Sua casa funciona como lugar de acolhimento para mulheres marginalizadas que recorrem à personagem em busca de ajuda ou aconselhamento

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

diante de situações de vulnerabilidade, como gravidez indesejada, violência doméstica e abandono:

Foram elas as únicas, em suma, que a Bruxa decidiu ajudar e, coisa rara, sem lhes cobrar um único peso, o que era bom porque a maior parte das raparigas da estrada dificilmente comia uma vez por dia e muitas não eram donas nem da toalha com que limpavam os humores dos machos com quem fodiam. (Melchor, 2023, p. 35)

Essa convergência entre marginalização epistemológica e precarização material se intensifica na presença de economias informais que sustentam a vida social da comunidade. Como observa Sayak Valencia (2010), em contextos de capitalismo gore, a violência não opera como efeito colateral do sistema econômico, mas como um de seus modos estruturantes de funcionamento. A estrada como espaço organizador da comunidade, a circulação de caminhoneiros, as formas precárias de sobrevivência, a exploração sexual de mulheres jovens e a marginalidade econômica não aparecem como elementos secundários, mas como componentes do próprio horror social, indicando que a violência que atravessa a narrativa também se encontra ancorada em regimes econômicos periféricos. Esse horror decorre das próprias condições materiais de violência que atravessam a experiência cotidiana da comunidade.

Assim, “a Bruxa” aparece simultaneamente como objeto de medo e possível fonte de proteção para aquelas que ocupam posições igualmente marginalizadas na comunidade. Uma ambivalência que aproxima a personagem de figuras históricas perseguidas e estigmatizadas em culturas latino-americanas, de mulheres associadas a saberes espirituais, médicos e comunitários:

[...] depois de remexer um bocado com um pau o borralho que brilhava no fogão disse que estava bem, que o faria, que prepararia para Norma a sua famosa bebida, aquela coisa espessa, salgada e espantosamente quente devido ao muito álcool que a Bruxa lhe tinha deitado, juntamente com molhos de ervas e uns pós que tirou de uns recipientes nojentos e que no fim verteu para dentro de um frasco de vidro que deixou em frente de Norma em cima da mesa, junto de uns restos de uma maçã podre que descansava num prato de sal grosso, uma maçã atravessada por uma faca comprida e rodeada de pétalas mortas. (Melchor, 2023, p. 110)

Em contextos latino-americanos marcados pela persistência de hierarquias coloniais, saberes populares e comunitários são frequentemente desautorizados, deslegitimados, associados à irracionalidade e convertidos em signos de ameaça ou atraso social (Rivera Cusicanqui, 2021). Nesse sentido, práticas espirituais classificadas como “bruxaria” podem ser reinterpretadas como saberes situados que desafiam a racionalidade colonial, fazendo com que a figura da bruxa apareça simultaneamente como construção persecutória e vestígio de epistemologias marginalizadas. Perspectiva que permite

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

compreender a figura da bruxa como construção histórica vinculada a processos de exclusão social, racialização e controle dos corpos. Também dialoga com Rita Segato (2016), que interpreta a opressão contra corpos femininos nas sociedades latino-americanas como mecanismo de reafirmação de hierarquias patriarcais, dimensão que também pode ser compreendida à luz do que Sayak Valencia (2010) descreve como capitalismo gore. Corpos femininos e dissidentes tornam-se territórios de violência material e simbólica, simultaneamente mercadoria, objeto de desejo e matéria de descarte, evidenciando a articulação entre precarização econômica, sexualidade e violência. Daniel Inclán (2024) compreende essas dinâmicas como parte de uma cultura da crueldade, em que a violência deixa de ser excepcional e passa a operar como lógica social e regime de produção de subjetividades descartáveis.

À luz dessas contribuições, “a Bruxa” em *Temporada de Furacões* (Melchor, 2023) pode ser compreendida como uma presença situada na interseção entre discursos de estigmatização, violência estrutural e processos históricos de deslegitimação de saberes comunitários, condensando tensões relacionadas à misoginia e à marginalização social. Sua posição liminar evidencia como determinados corpos produzidos como desviantes são convertidos em territórios de vulnerabilidade e controle social. A personagem sintetiza formas históricas de exclusão dirigidas sobretudo a mulheres associadas a saberes não institucionalizados, transformadas em encarnações simbólicas da ameaça e da desordem. A acusação de bruxaria opera, assim, como mecanismo de produção da alteridade e delimitação daquilo que pode ser reconhecido como legítimo.

Após a morte de “a Bruxa”, o espaço da casa passa a ser mobilizado como objeto de interdição e narrativa coletiva de medo:

Que não entrem na casa da Bruxa, seguramente; que evitem aquele sítio e não se atrevam sequer a passar em frente da fachada, que não espreitem por entre as aberturas que agora abundam nas suas paredes. Que contem aos seus filhos porque é que não devem entrar à procura do tesouro, e muito menos ir lá em grupo com os amigos percorrer os quartos em ruínas e subir ao andar de cima para ver quem é o valente que se atreve a meter-se no quarto do fundo e tocar com a mão na mancha deixada pelo cadáver da Bruxa sobre o colchão imundo. Que lhes contem como alguns saíram espantados dali, agoniados pela pestilência que ainda se respira lá dentro, aterrorizados pela visão de uma sombra que se descola das paredes e que começa a persegui-los. (Melchor, 2023, p. 230)

Desse modo, a casa converte-se em espaço marcado pelo medo e pela ameaça, assombrado pela violência e pelo trauma, no qual a curiosidade é transformada em risco e o passado permanece ativo sob a forma de ameaça sensorial e imaginária:

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Que respeitem o silêncio morto daquela casa, a dor das infelizes que ali viveram. É isso o que dizem as mulheres da terra: que não há nenhum tesouro ali dentro, que não há ouro nem prata nem diamantes nem nada mais que uma dor pungente que se recusa a dissolver-se. (Melchor, 2023, p. 230)

O trecho desloca a casa da lógica da curiosidade ou da exploração para a inscrição definitiva do trauma, convertendo o espaço doméstico em superfície de memória do horror e em vestígio persistente das formas coletivas de produção do medo e da dor. Assim, a personagem condensa formas históricas de produção da alteridade no contexto latino-americano.

Dissidência de gênero e monstrosidade social

Se “a Bruxa” pode ser compreendida a partir de processos históricos de marginalização ligados à colonialidade do poder e de gênero, o romance também evidencia como essas estruturas se articulam à produção de corpos considerados desviantes em relação às normas sociais. A violência dirigida a esses sujeitos aparece explícita nos discursos das próprias personagens: “deviam agarrá-los a todos, juntá-los e queimá-los, disse ele aos polícias, queimar todos os maricas de merda da terra” (Melchor, 2023, p. 168).

Esse tipo de enunciação evidencia a dimensão coletiva da produção da violência, que não se limita à esfera individual ou psicológica, mas se inscreve em formas sociais mais amplas. A brutalidade presente na fala acima destaca como o discurso da comunidade opera como mecanismo de controle e de produção de alteridade, transformando corpos dissidentes em objetos legítimos de eliminação simbólica e material. Nesse sentido, a construção da personagem está profundamente relacionada às formas pelas quais existências não normativas são transformadas em objetos de suspeita, medo ou violência. Como observa Halberstam (1995), os corpos monstruosos são marcados pelo excesso, pela instabilidade e pela recusa da identidade normativa, podendo funcionar como figuras através das quais gênero e sexualidade aparecem como formas de desvio. Em narrativas góticas e de horror, o corpo monstruoso opera de maneira recorrente como superfície de legibilidade dessas diferenças, tornando visíveis ansiedades culturais sobre identidade e normatividade.

O romance de Melchor (2023) evidencia a marginalização de um corpo percebido como inadequado à normatividade de gênero, situado em uma posição de abjeção que reflete processos históricos de exclusão e disciplinamento social. Em sociedades latino-americanas, a produção de sujeitos racializados e generificados não pode ser compreendida como questão individual, mas como efeito da colonialidade do poder, que articula gênero, raça, classe e sexualidade de forma indissociável (Lugones, 2019; Curiel, 2013). As violências dirigidas a esses corpos fazem parte de regimes de poder que produzem e reproduzem hierarquias de

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

gênero, operando como mecanismos de disciplinamento e inscrição da ordem social (SEGATO, 2016). Essa lógica torna-se visível na forma como os discursos da coletividade produzem a figura da bruxa como ameaça moral e social, legitimando diferentes formas de exclusão, opressão e violência, que culminam em seu extermínio.

A personagem é situada em múltiplas margens. Sua casa localiza-se fisicamente nas “bordas” da comunidade, enquanto sua identidade é construída discursivamente como algo que escapa às classificações. Essa dimensão é significativa, pois a casa de “a Bruxa” não funciona apenas como cenário narrativo, mas como marca de sua posição social. O espaço periférico, descrito como deteriorado e obscuro, opera dentro da narrativa como uma zona liminar, situada entre pertencimento e marginalização. Dessa forma, o espaço doméstico da personagem torna-se extensão simbólica do modo como a própria comunidade produz “a Bruxa” como corpo estranho e ameaçador, reforçando a espacialização da alteridade e da liminaridade que transforma a personagem em ponto de convergência das ansiedades e violências que atravessam o universo da narrativa.

Essa espacialização da alteridade também se manifesta na própria configuração do espaço doméstico da personagem, constantemente associado à desordem, à precariedade e à violência: “na cozinha virada do avesso, com o caldeirão entornado e o chão sujo e salpicado de sangue seco” (Melchor, 2023, p. 34).

A imagem articula elementos centrais do imaginário gótico: obscuridade, ruína doméstica e vestígios de violência, situando a casa de “a Bruxa” como *locus horribilis*, no qual a degradação material e simbólica produzem uma espacialidade marcada pela ameaça e pela abjeção. O caldeirão entornado e o sangue seco constroem uma atmosfera de abandono e brutalidade cotidiana, na qual o horror emerge da materialidade precária e violenta que organiza a experiência social da personagem. A inversão da cozinha, tradicionalmente associada ao cuidado e à domesticidade, em espaço de sangue, desordem e ruína subverte imaginários normativos associados ao feminino, convertendo o ambiente em território de horror social.

A descrição recorrente do espaço doméstico de “a Bruxa” por meio de imagens de abandono material o configura como extensão da exclusão social que marca a personagem:

[...] bastava ver como ela vivia, numa espelunca cheia de trastes e caixas de cartão já podre, e sacos de lixo a abarrotar de papéis, de trapos, de rafia, de carolos, de bolas de cabelo casposo, de pó, de embalagens de leite e garrafas de plástico vazias. (Melchor, 2023, p. 35)

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

A precariedade do ambiente produz uma configuração gótica na qual os vestígios de deterioração deixam de funcionar apenas como cenário e passam a figurar como expressão concreta dos regimes de violência que atravessam o universo do romance. A espacialidade da casa aproxima-se de uma lógica de descarte social, na qual a degradação do ambiente espelha a forma como “a Bruxa” é produzida como corpo abjeto e eliminável.

Essa configuração reaparece em descrições que associam o ambiente doméstico a signos de erotização, religiosidade e bruxaria:

[...] naquela cozinha sebenta, naquela divisão de teto baixo, paredes enegrecidas e cheias de prateleiras com frascos poeirentos, e desenhos de bruxaria, estampas de santos com os olhos riscados e recortes de gajas mamalhudas a mostrarem o sexo aberto. (Melchor, 2023, p. 110)

A justaposição entre símbolos religiosos profanados, referências à bruxaria e imagens sexualizadas intensifica a atmosfera gótica da casa, convertendo-a em uma zona de ambivalência moral e simbólica. O ambiente concentra elementos associados ao sagrado e à degradação, produzindo uma espacialidade marcada pela transgressão e pela desordem dos códigos normativos que organizam sexualidade e religiosidade no imaginário comunitário.

A violência que atravessa esse espaço também se inscreve diretamente no corpo da personagem: “o véu torto [...] não chegava para disfarçar as nódoas negras que lhe inchavam as pálpebras” (Melchor, 2023, p. 34). As marcas físicas evidenciam que a monstruosidade que lhe é atribuída convive com sua própria condição de corpo vulnerável e violentado. O horror desloca-se, assim, do sobrenatural para a materialidade da agressão cotidiana, revelando como “a Bruxa” é simultaneamente construída como ameaça e submetida à violência sistêmica da própria comunidade.

Os discursos dos moradores reiteram o desconforto coletivo diante de um corpo que escapa às expectativas normativas binárias de gênero e sexualidade:

[...] até então ninguém lhe tinha dito que a tal Bruxa era na realidade um homem, um senhor com cerca de quarenta ou quarenta e cinco anos naquela altura, vestido com roupas pretas de mulher, e as unhas bem compridas e pintadas também de preto, espantosas, e embora levasse assim uma espécie de véu a tapar-lhe a cara, só de lhe ouvir a voz e ver-lhe as mãos uma pessoa apercebia-se de que se tratava de um homossexual. (Melchor, 2023, p. 98)

O trecho destaca como a percepção coletiva da personagem é atravessada por mecanismos de vigilância e classificação social nos quais corpo, voz, vestimenta e gestualidade tornam-se signos de desvio. A própria nomeação da personagem como “homossexual” revela um regime de leitura social no qual dissidências de gênero e de sexualidade são

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

indistintamente percebidas como ameaça à normatividade, convertendo qualquer deslocamento em relação à matriz cisheterossexual em signo de inadequação e ininteligibilidade social. Nesse sentido, a personagem é produzida discursivamente como corpo que desestabiliza a lógica binária de gênero, tornando visíveis os mecanismos normativos que regulam a inteligibilidade dos corpos e dos sujeitos (Butler, 2003).

A figura de “a Bruxa” aproxima-se, assim, do que Cohen (2000) compreende como monstrosidade cultural, isto é, um corpo que torna visíveis as fronteiras simbólicas que sustentam a ordem social ao ameaçar sua estabilidade. Construção que também dialoga com as formulações de Halberstam (1995) sobre a utilização do horror como projeção de ansiedades coletivas sobre corpos dissidentes, produzindo uma percepção das diferenças como ilegíveis e, portanto, signos de perigo, abjeção e exclusão. A construção de “a Bruxa” como figura monstruosa articula-se, assim, à produção social de um corpo percebido como ambíguo, inadequado e ameaçador às formas normativas de organização do gênero e da sexualidade.

De acordo com essa perspectiva, a narrativa constrói a personagem a partir de imagens associadas ao grotesco:

uma imagem que deixou todos pasmados, não sabiam se de espanto ou de riso, de tão ridícula que era, com o calorão que fazia a ponto de esturricar os miolos e aquela tonta vestida de negro, só podia estar louca, ridícula, que vontade de fazer triste figura como os travestidos que todos os anos apareciam no Carnaval de Villa. (Melchor, 2023, pp. 27-28)

A inscrição da personagem em uma lógica carnavalesca de desqualificação do feminino, na qual homens “vestidos de mulher” performatizam versões exageradas e misóginas da feminilidade, representando mulheres como figuras ridículas associadas à comicidade e à humilhação pública, mostra como a comunidade interpreta sua aparência e corporeidade a partir de códigos de estranhamento, escárnio e desvio. Nesse contexto, o riso coletivo opera como mecanismo disciplinador que transforma a inadequação performativa da personagem em espetáculo social, evidenciando a forma como normas de gênero são reiteradas e policiadas coletivamente (Butler, 2003). A monstrosidade atribuída à Bruxa emerge, assim, não apenas do medo, mas também da ridicularização de um corpo percebido como excessivo, deslocado e incompatível com a normatividade de gênero imposta pela comunidade, operando como mecanismo de produção de alteridade, convertendo dissidência e inadequação performativa em signos de ameaça social, conforme apontam Halberstam (1995) e Butler (2003). O desconforto diante da personagem emerge da presença de um corpo que desestabiliza os regimes normativos de inteligibilidade de gênero e sexualidade.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

No entanto, essa construção da personagem como abjeta, ridícula e monstruosa não impede sua erotização pelos homens da comunidade. Como observa Cohen (2000), o monstro frequentemente ocupa uma posição liminar entre repulsa e fascínio, articulando medo, desejo e atração. O romance evidencia como desejo, violência e escárnio se articulam na produção social da figura de “a Bruxa”:

[...] essa gaja o que quer é cabeça, dizia um espertalhão, se a Bruxa me quiser chupar que comece por aqui, pelo talo, dizia outro, e agarrava-se aos tomates, e entre a troça, o riso, os arrotos, as palmadas na mesa e as gargalhadas que mais pareciam alaridos. (Melchor, 2023, p. 31)

A sexualização da personagem aparece atravessada por uma lógica masculinista¹, na qual o desejo não produz reconhecimento subjetivo, mas reforça mecanismos de objetificação, dominação e degradação. O corpo construído como monstruoso converte-se em território de fantasia, consumo e violência simbólica, revelando como a comunidade transforma a alteridade em espetáculo sexualizado. Essa dinâmica se intensifica nas narrativas sobre os encontros sexuais mantidos com a personagem:

E nem sequer tive de lhe ver a cara, gabava-se o patego de turno a quem o quisesse ouvir; nem sequer tinha tido de fazer mais nada senão suportar as suas mãos e deixar-se lamber por uma boca que era também como uma sombra que aparecia e desaparecia por trás do tecido áspero e sujo que lhe cobria a cabeça e que só se levantava o necessário quando era preciso mas que nunca revelava completamente, e até certo ponto eles agradeciam-lhe isso, bem como lhe agradeciam o silêncio quase absoluto em que tudo aquilo se ia dando, sem gemidos nem suspiros nem distrações nem palavras de qualquer tipo, só carne contra carne e um pouco de saliva na escuridão brumosa da cozinha ou nos corredores decorados com imagens de mulheres nuas cujos olhos de papel tinham sido arrancados com as unhas. (Melchor, 2023, pp. 32-33)

A cena mobiliza uma estética profundamente espectral. “A Bruxa” surge parcialmente encoberta, associada à sombra, ao silêncio e à fragmentação do corpo, convertendo a sexualidade em experiência marcada pela obscuridade e pelo anonimato. O desejo masculino dirige-se precisamente a uma figura construída como alteridade monstruosa, cuja despersonalização reforça sua condição de objeto abjeto e disponível. O apagamento do rosto torna-se condição para o próprio desejo, permitindo que a personagem seja “consumida” sexualmente sem jamais ser reconhecida como sujeito plenamente humano.

¹ O termo “masculinista” aqui utilizado para designar formas de sociabilidade e discursos centrados na reafirmação da dominação masculina, frequentemente articulados à objetificação, humilhação e violência simbólica contra mulheres e corpos dissidentes (Bourdieu, 2012; hooks, 2004; Bard Wigdor; Artazo, 2017).

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Ao mesmo tempo, a espacialidade da cena: a cozinha escura, os corredores degradados e as imagens mutiladas “de mulheres nuas cujos olhos de papel tinham sido arrancados com as unhas” intensifica a atmosfera gótica do romance, não como presença do sobrenatural, mas como atualização de marcas clássicas do gótico em chave contemporânea. Esses elementos funcionam como imagens simbólicas da objetificação dos corpos e da violência dirigida ao feminino, inscrevendo o ambiente como espaço de degradação em que o doméstico é invertido em lugar de ameaça e atravessado por vestígios de violência, articulando erotização, apagamento e brutalidade em um mesmo *locus* material e simbólico. Nesse registro, a cena mobiliza três eixos recorrentes do imaginário gótico: a escuridão e o confinamento espacial, a ruína do ambiente doméstico e a inscrição da violência no próprio espaço narrativo, especialmente sobre corpos femininos.

Essa inscrição da violência no espaço doméstico não apenas organiza a atmosfera gótica da cena, mas também participa da construção simbólica da própria personagem como figura monstruosa dentro do imaginário social do romance. Mecanismo que pode ser compreendido à luz do que Jack Halberstam (1995) descreve como a função cultural da monstrosidade. Nesse processo, corpos que desafiam a ordem cisheteronormativa tendem a ser convertidos em figuras abjetas ou ameaçadoras, uma dinâmica que Paul B. Preciado (2022) identifica como a produção de “monstros políticos”, sujeitos cuja existência expõe as fissuras das normas que estruturam a vida social. A monstrosidade atribuída à personagem “a Bruxa” configura uma projeção coletiva de medos ligados à dissidência de gênero, à marginalização social e à lógica estrutural da violência.

Considerações finais

Em *Temporada de Furacões* (Melchor, 2023), o horror não se organiza como efeito pontual de eventos violentos, mas como expressão de uma estrutura social que produz marginalização, silenciamento e apagamento de sujeitos situados fora dos regimes hegemônicos de gênero, sexualidade e pertencimento. A narrativa desloca o medo do plano do excepcional para o cotidiano, evidenciando sua inscrição como forma de organização do social e da experiência da violência.

A figura “a Bruxa” opera como dispositivo privilegiado dessa dinâmica, na medida em que torna legíveis os regimes de colonialidade, normatividade de gênero e sexualidade, bem como as formas de gestão da violência. Sua monstrosidade não é anterior ao discurso, mas efeito de operações coletivas de nomeação, circulação de rumores e moralização comunitária, que a constituem como superfície de projeção de medos sociais historicamente sedimentados.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

A análise evidencia que a dissidência de gênero, a precarização material e a deslegitimação de saberes não institucionalizados convergem na construção de determinados corpos como desviantes e, portanto, socialmente descartáveis.

Assim, o romance permite compreender como a violência estrutural não apenas se manifesta na narrativa, mas organiza sua própria inteligibilidade, convertendo o medo em linguagem social compartilhada e em princípio de leitura da experiência social. Na obra, os elementos do gótico e do horror funcionam como tecnologias narrativas capazes de expor as fraturas do contrato social, revelando como desigualdade, misoginia, colonialidade e regimes normativos de gênero e sexualidade são continuamente reinscritos sob formas simbólicas de controle e exclusão.

Sob essa perspectiva, “a Bruxa” ultrapassa a condição de personagem individual e se constitui como figura espectral produzida pelas tensões históricas que estruturam o espaço latino-americano contemporâneo. Sua presença narrativa concentra regimes de violência, processos de estigmatização e disputas em torno da legitimidade de saberes, corporalidades dissidentes e práticas sexuais, especialmente aquelas que desestabilizam a normatividade binária de sexo e gênero.

Desse modo, o romance de Fernanda Melchor (2023) evidencia a potência do gótico como forma de conhecimento do social, na medida em que articula estética do medo e crítica sociopolítica. A obra desloca convenções clássicas do gótico para uma espacialidade latino-americana marcada pela colonialidade, pela precarização e pela violência sistêmica. A análise demonstra como o gótico e o horror contemporâneos podem operar como dispositivos de leitura tanto das violências históricas quanto das formas contemporâneas de violência estrutural que atravessam a América Latina, evidenciando continuidades entre colonialidade, produção de alteridades e gestão diferencial da vida e da morte.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- ARAUJO, André. Continente de espectros: política e fantasmagoria. **Espeluznante**, 2022. Disponível em: espeluznante.substack.com/p/continente-de-espectros-politica. Acesso em: 18 mai. 2026.
- ARAÚJO, Naiara Sales. **Ficção especulativa: narrativa fantástica, ficção científica e horror em foco**. São Luís: EDUFMA, 2021.
- BARD WIGDOR, Gabriela; ARTAZO, Gabriela. Pensamiento feminista Latinoamericano: reflexiones sobre la colonialidad del saber/poder y la sexualidad. **Cultura representaciones soc.** Ciudad de México, v. 11, n. 22, pp. 193-219, mar. 2017. Disponível em: classic.scielo.org.mx/pdf/crs/v11n22/2007-8110-crs-11-22-00193.pdf. Acesso em: 13 jul. 2026.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMPRA, Rosalba. Los silencios del texto en la literatura fantástica. In: VENTURA, Enriqueta Morillas (ed.). **El relato fantástico en España e Hispanoamérica**. Madrid: Sociedad Estatal Quinto Centenario, 1991, pp. 49-73.
- COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org. e trad.). **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, pp. 23-60.
- CREED, Barbara. **The monstrous-feminine: film, feminism, psychoanalysis**. London: Routledge, 1993.
- CURIEL, Ochy. **La nación heterosexual: análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación**. Bogotá: Brecha Lésbica / En la Frontera, 2013.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

FERREIRA, Claudia Cristina; TREVISAN, Ana Lúcia; D'AURIA ANTUNIASSI, Julia; CARVALHO, Lucas Silva de. **Nas teias do insólito: diálogos e perspectivas teórico-analíticas sobre narrativas literárias**. São Paulo: Pontes Editores, 2024.

HALBERSTAM, Jack. **Skin Shows: Gothic Horror and the Technology of Monsters**. Durham; London: Duke University Press, 1995.

HOOKS, bell. **The Will to Change: Men, Masculinity, and Love**. New York: Atria Books, 2004.

INCLÁN, Daniel. La lógica de la violencia y la cultura de la crueldad: las mutaciones sociales en tiempos de crisis civilizatoria. **Bajo el Volcán**, Puebla, v. 24, n. 47, pp. 37-62, jul./dic. 2024.

JARDIM, Nadege Ferreira Rodrigues. Nunca a encontraram. Nem viva, nem morta: reflexões sobre o conto "A casa de Adela", de Mariana Enriquez. In: FERREIRA, Claudia Cristina; TREVISAN, Ana Lúcia; D'AURIA ANTUNIASSI, Julia; CARVALHO, Lucas Silva de (org.). **Nas teias do insólito: diálogos e perspectivas teórico-analíticas sobre narrativas literárias**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024, pp. 171-183.

LUGONES, María. **Pilgrimages/Peregrinajes: theorizing coalition against multiple oppressions**. Oxford: Rowman and Littlefield, 2003.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, pp. 357-379.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MELCHOR, Fernanda. **Temporada de huracanes**. Ciudad de México: Literatura Random House, 2017.

MELCHOR, Fernanda. **Aquí no es Miami**. Ciudad de México: Debate, 2018.

MELCHOR, Fernanda. **Páradais**. Ciudad de México: Literatura Random House, 2021.

MELCHOR, Fernanda. **Temporada de Furacões**. Tradução de Cristina Rodríguez e Artur Guerra. Lisboa: Penguin Random House Grupo Editorial Portugal, 2023.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas**. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PUNTER, David. **The literature of terror: a history of Gothic fictions from 1765 to the present day**. 2nd edition. London: Routledge, 1996.

DOSSIÊ "GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO"

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

PURKISS, Diane. **The witch in history: early modern and twentieth-century representation.** London: Routledge, 1996.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores.** Tradução de Ana Luiza Braga e Lior Zisman Zalis. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres.** Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

SEGATO, Rita Laura. **Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda.** Tradução de Danu Gontijo e Danielli Jatobá. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

VALENCIA, Sayak. **Capitalismo gore.** Madrid: Melusina, 2010.

Recebido em: 27/05/2026

Aceito em: 04/06/2026

Publicado em: 14/07/2026

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

THE SPECTRAL WITCH: MONSTROSITY, GOTHIC AND STRUCTURAL VIOLENCE IN THE NOVEL *HURRICANE SEASON*, BY FERNANDA MELCHOR

Nadege Ferreira Rodrigues Jardim
(Diedra Roiz)

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

(diedraroiz@gmail.com)

ABSTRACT

This article analyzes the construction of the character “the Witch” in *Hurricane season*, by Fernanda Melchor (2023), from the relations between the Gothic, horror, coloniality, and gender dissidence. The aim is to understand how the novel mobilizes elements of horror and gothic imaginary to represent the structural violences that permeate the narrative, in which fear operates as a device for the symbolic organization of the community, analyzing how these tensions are produced and reorganized by the narrative language itself, which structures the perception of horror and its aesthetic and political intelligibility. The hypothesis is that the monstrosity attributed to the character is produced not by supernatural elements, but by the very social structures that generate exclusion, violence, and marginalization. This is a qualitative, bibliographic, and interpretive study, developed through a literary analysis of the novel in dialogue with the specialized literature, articulating studies of the Gothic and monstrosity with discussions about coloniality, gender, and structural violence. Discursively constructed by rumors, fragmentary memories and collective projections, “the Witch” emerges as a spectral figure that condenses fears related to misogyny, socioeconomic marginalization, and inadequacy to gender norms. It is argued that the novel configures a form of horror that exposes historical tensions of coloniality and structural violence.

Keywords: Spectral witch; Contemporary Gothic; Structural violence; Gender dissidence; Latin American literature.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

**LA BRUJA ESPECTRAL: MONSTRUOSIDAD,
GÓTICO Y VIOLENCIA ESTRUCTURAL EN LA NOVELA
TEMPORADA DE HURACANES, DE FERNANDA MELCHOR**

**Nadege Ferreira Rodrigues Jardim
(Diedra Roiz)**

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

(diedraroiz@gmail.com)

RESUMEN

Este artículo analiza la construcción del personaje “la Bruja” en la novela *Temporada de huracanes*, de Fernanda Melchor (2023), a partir de las relaciones entre lo gótico, el horror, la colonialidad y la disidencia de género. Se pretende entender cómo la novela moviliza elementos del horror y del imaginario gótico para representar las violencias estructurales que atraviesan la obra, en la cual el miedo opera como dispositivo de organización simbólica de la comunidad, analizando cómo estas tensiones son producidas y reorganizadas por el propio lenguaje narrativo, que estructura la percepción del horror y su inteligibilidad estética y política. Se parte de la hipótesis de que la monstruosidad atribuida al personaje no es producida por elementos sobrenaturales, sino por las estructuras sociales que producen exclusión, violencia y marginación. Se trata de una investigación cualitativa, bibliográfica e interpretativa, desarrollada por el análisis literario de la novela en diálogo con la bibliografía especializada, articulando estudios del gótico y de la monstruosidad a las discusiones sobre colonialidad, género y violencia estructural. Construida discursivamente por rumores, memorias fragmentarias y proyecciones colectivas, “la Bruja” emerge como una figura espectral que condensa miedos relacionados con la misoginia, la marginación socioeconómica y la inadecuación a las normas de género. Se argumenta que la novela configura una forma de horror que expone tensiones históricas de la colonialidad y de la violencia estructural.

Palabras-clave: Bruja espectral; Gótico contemporáneo; Violencia estructural; Disidencia de género; Literatura latinoamericana.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about